

PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS POR CRIANÇAS SURDAS

PROCESS OF ACQUISITION OF THE SIGN LANGUAGE BY DEAF CHILDREN

Monize Gabriel de Almeida*
Hugo Leonardo Nascimento Almeida**

RESUMO

A linguagem é considerada crucial para o desenvolvimento da criança, especificamente, ao que se refere à deficiência auditiva. Este trabalho busca despertar, no leitor, o interesse pelo o processo de aquisição da língua de sinais por crianças surdas. Tem-se como objetivo contextualizar a surdez e seus aspectos mais relevantes como: a) história da surdez b) língua de sinais c) o processo de aquisição da linguagem por crianças surdas e outros temas que remetem à surdez. Com os autores Saussure (1991) e Vygotsky (1998), será feita uma pequena introdução para melhor entendimento da linguagem. A presente pesquisa tem como base dados bibliográficos, artigos e textos que retratam a estruturação e elaboração da linguagem através dos posicionamentos dos autores Jean Michel Vives (2012) e Lev Semenovich Vygotsky (1997), sobre a linguagem nas crianças com deficiência auditiva. Diante do confronto entre os autores, pode-se concluir que Vives abre maiores possibilidades para o surdo diante do processo de aquisição da linguagem, não como um obstáculo, segundo Vygotsky, mas como um processo que difere do processo da aquisição da linguagem na criança ouvinte.

Palavras-chave: Linguagem. Surdez. Criança.

ABSTRACT

Language is considered to be crucial for the child's development, specifically when it comes to hearing impairment. This work seeks to awaken, not reader, the interest by the process of the inventory of the messages of deaf children. It aims to contextualize reality and its most important aspects as: a) history of learning, b) sign language, c) the process of language production by children and other issues that refer to deafness. With the authors Saussure (1991) and Vygotsky (1998), an introduction will be made to the understanding of language. The present research is based on bibliographical data, articles and texts that depict a structuring and elaboration of the language through the positions of the authors Jean Michel Vives (2012) and Lev Semenovich Vygotsky (1997), on a language in children with hearing impairment. In the face of the confrontation between the authors, it can be concluded that Vives opens up the greatest possibilities for the deaf before the process of language acquisition, not as an obstacle, according to Vygotsky, but as a process that differs from process of acquisition of literature in the journal

Keywords: Language. Deafness. Kid.

* Bacharela em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco. monize.allmeida@gmail.com

** Mestre em Design pelo Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife. hugolnalmeida@gmail.com

Introdução

As descrições dos termos linguagem, língua, fala e signo são utilizados por diversos autores com diferentes sentidos. Segundo Saussure (1991), a linguagem é formada pela língua e pela fala. A língua é um sistema abstrato composto de signos que se inter-relacionam. Trata-se, portanto, de um sistema de relações. Vygotsky (1989) percebe a linguagem não apenas como uma forma de comunicação, mas também como uma função reguladora do pensamento, tendo o termo linguagem um sentido bastante amplo, configurando-se em tudo que envolve significação, tendo um valor semiótico e não se restringindo a uma forma de comunicação. Vygotsky (1989) introduz, além do significado, a noção de sentido, sendo esse o aspecto particular do signo por ser formado a partir das relações interpessoais vivenciadas pelo indivíduo e da sua história. O significado é a parte mais estável do signo. Os falantes podem se comunicar por partilharem significados. Bakhtin (1990) afirma que a linguagem está sempre presente no sujeito, mesmo no momento em que esse não está se comunicando com outras pessoas. A linguagem constitui o sujeito, a forma como ele recorta e percebe o mundo e a si próprio.

Com a idade de apenas poucos meses um bebê é capaz de produzir inúmeros sons diferentes: o balbucio. Produz vogais e sílabas. Este efeito é intensificado quando a criança está com a idade de seis meses; o bebê começa a soar o balbucio como linguagem. Na idade, aproximadamente, entre dez e onze meses, uma criança é capaz de usá-la declarativamente, pronunciando sua primeira palavra, conforme a literatura da área. Estas primeiras palavras funcionam não só para citar alguma coisa, mas também para solicitar um objeto ou pessoa, a mãe, por exemplo.

A fim de avaliar as consequências da aquisição da linguagem que afetam crianças com deficiência auditiva, deve-se considerar um processo geral da aquisição da linguagem em primeiro lugar. Existem vários fatores que têm influência sobre o processo. Na construção do processo de aquisição de linguagem a mãe ou os pais têm um papel muito importante nesta inserção da criança na linguagem. Uma criança ouvinte é capaz de ouvir o som que a mãe faz para assim também reproduzi-lo. E como esse processo se dá em uma criança surda? Quais as dificuldades e consequências enfrentadas pelas crianças que nascem com surdez? O que enfrentam neste processo? E até onde os pais de crianças surdas têm consciência de sua responsabilidade mediante o processo de aquisição da linguagem de seus filhos?

Materiais e Métodos

O presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2008). Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que se preocupa, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2004), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos às operacionalizações de variáveis.

Foram pesquisadas publicações referentes ao processo de aquisição de linguagem de sinais em crianças com surdez, tendo-se por objetivo geral despertar o interesse, no leitor, pelo processo de aquisição da língua de sinais em crianças com surdez, por meio de um levantamento bibliográfico sobre esse processo.

Discussão

A aquisição da língua de sinais em crianças com surdez, geralmente, acontece de maneira atrasada. A família tem grande importância nessa alfabetização e muitas vezes não se apresenta de forma participativa. Não ficam atentos à primeira língua que deve ser adquirida o mais cedo possível. Todo contato que a criança estabelece com o mundo é sempre mediado pela linguagem (VYGOTSKY, 1989, 2002). A relação da criança com a linguagem supõe uma relação com o outro; no caso da creche ou da escola, é o professor que representa esse outro por meio da língua que é apresentada às crianças. Então, faz-se necessário refletir sobre o modo, por meio do qual se efetiva essa relação. É importante ressaltar o quanto é indispensável que o profissional, seja ele interprete de língua de sinais ou professor, conheça as dificuldades que estão atreladas à educação dos surdos e

reconheçam o quanto é fundamental o papel do intérprete. Faz-se referência ao que foi exposto:

Com a língua de sinais os surdos podem, através do intérprete, compreender e ser compreendidos, e os ouvintes são colocados no mesmo nível, precisam também do intérprete ou de aprender uma língua que não é a sua língua natural (PEREIRA, 2008, p. 151).

Estudar aquisição da linguagem é um processo fascinante, onde se busca entender como um indivíduo passa de não-falante a falante de sua língua. Entender de que forma acontece esse processo encantador que permite ao homem o desenvolvimento de sua capacidade linguística e comunicativa. A linguagem tem um papel importante no desenvolvimento humano, é através dela que nos constituímos como sujeitos e podemos cotidianamente colocar em prática as interações sociais, que acontecem através da comunicação, seja pela língua brasileira de sinais ou pela língua portuguesa.

Durante a vida, o homem depende primordialmente dos órgãos dos sentidos para sobreviver, conhecidos também como sistema sensorial. É através deles (visão, audição, tato, paladar e olfato) que recebemos informações do mundo exterior para o mundo interior, são as traduções do mundo físico para a mente. Os sentidos são os meios através dos quais os seres vivos percebem e reconhecem outros organismos e as características do meio ambiente em que se encontram. A perda de algum desses sentidos traz grandes transtornos à vida. A visão e audição são os dois sentidos à distância que permitem a localização do homem no mundo que o cerca, e o alerta dos perigos existentes no meio.

Em caso de perda congênita (presente no momento do nascimento), o diagnóstico deve ser dado ao nascimento, bem como aquelas adquiridas em período imediatamente subsequente ou durante o parto. É recomendado que todos os bebês, não só os de risco, sejam avaliados antes da alta hospitalar.

Para bebês nascidos fora da maternidade, se faz necessário realizar uma avaliação até no máximo o terceiro mês de idade. A maior parte dos casos de surdez são identificados pela própria família e relatados ao médico que acompanha a criança (pediatra).

Entre os diversos estudos e pesquisas, durante os últimos anos, sobre o aprendizado da língua de sinais, é possível afirmar que a aquisição das línguas de sinais pode ser comparada à aquisição das línguas orais em muitos sentidos. E como então se desenvolve a língua de sinais por crianças surdas?

Segundo Quadros (1997, p. 70), o processo de aquisição da Língua de Sinais também é semelhante ao processo de aquisição da língua oral pelos ouvintes, mais especificamente no que se refere às fases deste processo. A aquisição da Língua de Sinais ocorre, de acordo com a autora, em quatro estágios, sendo estes: o estágio pré-linguístico, o estágio de um sinal, o estágio das primeiras combinações, e por fim o estágio das múltiplas combinações.

Foram feitas, de maneira detalhada, pesquisas e estudos sobre o balbucio em bebês surdos e em bebês ouvintes, onde ambos estavam no mesmo período de desenvolvimento (do nascimento aos quatorze meses de idade). Neste período, o bebê usa os sons, sem palavras ou gramáticas para se comunicar, conhecido como estágio pré-linguístico. Petitto e Marantette (1991 apud BRASIL, 1998) verificaram que o balbucio é um fenômeno que ocorre em todos os bebês, tanto em bebês surdos assim como em bebês ouvintes, como fruto da sua capacidade inata para a linguagem. A pesquisa também apontou que essa capacidade inata dos bebês é manifesta através de sons e também dos sinais, mostrando que não apenas a categoria de sons se enquadra nessa capacidade inata.

Nos dados analisados pelas autoras foi possível observar um desenvolvimento paralelo do balbucio oral e do balbucio manual. Os bebês surdos e os bebês ouvintes apresentam os dois tipos de balbucio até um determinado estágio e desenvolvem o balbucio da sua modalidade. As crianças surdas balbuciam (oralmente) apenas até um determinado período. As vocalizações são interrompidas nos bebês surdos, assim como as produções manuais são interrompidas nos bebês ouvintes; essa diferença favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar.

Foi através das semelhanças encontradas e analisadas na sistemática das duas formas de balbuciar que foi sugerida a ocorrência, no ser humano, de uma capacidade linguística que sustenta a aquisição da linguagem independente da modalidade da língua: oral-auditiva ou espaço-visual.

O que chamamos de balbucio, primeiramente, é apenas uma função fisiológica e, posteriormente, pelas influências e contatos com a mãe e pessoas próximas, passa a ter funções representativas de comunicação (GOLDFED, 2002). A criança, então, aprende a nomear objetos e aos poucos nomeia as propriedades desses objetos, expandindo seu repertório pelas combinações de unidades já aprendidas (GALVÃO; BARROS, 2001).

Segundo Brasil (1998) criança que possui deficiência auditiva inicia o estágio de um sinal, conhecido como “apontamento” – seja para objetos, seja para pessoas – por volta dos doze meses de idade, estendendo-se aos dois anos. A criança surda começa a

visualizar o “apontamento” como elemento do sistema gramatical da Língua. É neste estágio que ela inicia as primeiras produções, na Língua de Sinais, assim como a criança ouvinte começa a pronunciar as suas primeiras palavras.

Karnopp (1994 apud BRASIL, 1998) também cita estudos que apontam o início de um estágio de um sinal por volta de 6 meses, em bebês surdos filhos de pais surdos adquirindo a língua de sinais. Vale, no entanto, ressaltar que este estágio também ocorre em crianças que estão adquirindo línguas orais, onde esse processo tem início por volta dos doze meses de idade.

Lillo-Martin (1986 apud BRASIL, 1998) observa que há razões apontadas para explicar diferenças cronológicas entre os bebês surdos e os bebês ouvintes e que isso baseia-se no desenvolvimento dos mecanismos físicos (mãos e trato vocal). É possível perceber o quanto que a criança surda sofre com o atraso da linguagem, pois fica em desvantagem em relação às crianças que adquirem a linguagem oralmente, mesmo a criança surda tendo o padrão de aquisição bastante próximo ao das crianças ouvintes.

Aos dois anos de idade, a criança surda segue com o estágio das primeiras combinações de sinais, no qual a ordem das palavras é utilizada para o estabelecimento das relações gramaticais. Por exemplo, a criança surda, a partir desse estágio, começa a ordenar as palavras para estabelecer relações gramaticais entre elas como SV (sujeito-verbo), VO (verbo-objeto) ou mesmo o SVO (sujeito – verbo - objeto) (BRASIL, 1997).

O estágio que caracterizamos pelas múltiplas combinações acontece por volta de dois anos e meio a três anos, em que as crianças surdas apresentam a chamada explosão de vocabulário. Lillo-Martin (1986 apud BRASIL, 1998) cita que é nesse período que começam a ocorrer distinções derivacionais, ou seja, a diferenciação entre o sentido propriamente dito entre cadeira e sentar, por exemplo. É neste estágio que a criança surda comete os mesmos erros gramaticais na Língua de Sinais que a criança ouvinte comete na Língua Oral, como exemplo, podemos citar o caso da flexão verbal, em que a frase “eu gostei” pode se transformar na frase: “eu gosti” (língua oral); a fala do ouvinte será representada da mesma forma na Língua de Sinais. O domínio completo dos recursos morfológicos da língua é totalmente adquirido, na criança surda, por volta dos cinco anos de idade (BRASIL, 1998).

As crianças que são surdas, mesmo as que não são expostas à língua de sinais, adquirem alguma forma rudimentar de linguagem; elas simbolizam e conceituam, pois convivem socialmente, interagem e se comunicam de alguma forma assim como qualquer pessoa. A linguagem rudimentar que a criança surda desenvolve pelas interações sociais

é utilizada não só para a comunicação, mas também para a organização de seu pensamento, o que é inerente ao ser humano. A diferença é que, não tendo acesso a língua estruturada, a qualidade e a quantidade de informações e assuntos abordados são muito inferiores àqueles que os indivíduos ouvintes, em sua maioria, recebem e trocam. (GOLDFED, 2002).

Pode-se dizer, segundo Goldfed (2002), que a criança surda, de uma forma geral, cria em conjunto com a sua família e pessoas próximas, que convivem com elas, alguns signos. Essa linguagem é considerada a primeira forma de socialização da criança com o mundo que a rodeia e, em sua maioria, é efetuada explicitamente pelos pais através de instruções verbais que recebem durante suas atividades diárias. É a partir da fala do adulto que a criança começa a desenvolver a sua própria fala também. O adulto, além de estimular a comunicação da criança, estimula também seu desenvolvimento intelectual.

Quadros (1997) afirma que a Língua de Sinais é a língua natural da criança surda que é filha de pais surdos, pelo fato do processo de aquisição da língua ocorrer de forma natural, como acontece com as crianças ouvintes na aquisição da língua oral, pela interação com o meio social. Já as crianças surdas, filhos de pais ouvintes, não adquirem a Língua de Sinais espontaneamente, pois os pais, ao se dirigirem ao filho(a) surdo, utilizam-se de algum tipo de gesticulação para suprir a necessidade da criança surda. Para adquirir a Língua de Sinais, este segundo grupo precisaria conviver com a língua natural deles.

Contribuições de teóricos para a surdez

Para Vygotsky (1997 apud PEREIRA, 2013) as crianças com deficiência (defectologia) são crianças com defeitos, pois não estão dentro do padrão da normalidade. Segundo esse autor as crianças com defeitos, são crianças, mas se desenvolvem de outro modo, diferente de seus colegas normais.

A surdez, para Vygotsky, é classificada como um defeito particular, assim como a deficiência visual (cegueira) (VYGOTSKY, 1997 apud PEREIRA, 2013). O autor classifica ainda a surdez, como uma deficiência de obstáculo penoso. Penoso não apenas pela mudez, mas pelo não acesso à linguagem. A falta da linguagem na criança surda é um obstáculo muito maior que a mudez; vale ressaltar que a mudez não está necessariamente ligada a surdez, mas ao fato de não ter voz, ou fala. A mudez é o

desencadeador central de todos os problemas de desenvolvimento da criança surda (VYGOTSKY, 1989b).

Em virtude dos aspectos mencionados no trabalho, Jean-Michel Vives relata que a voz não se limita apenas ao registro sonoro. A fala, a dança, a música e a escrita também são arte da voz (VIVES, 2012, p. 48). O autor afirma ainda que a voz que ressoa do surdo, referindo-se ao som, diz respeito ao expressivo e não ao significante, enquanto, de outro modo, entende-se que, no falante, o gestual está em segundo plano, e a voz, a fala propriamente dita, em um plano primário. Em ambas as modalidades, o plano secundário dá suporte ao que se quer expressar (POIZAT, 1996 apud VIVES, 2012).

Levando em consideração a afirmação de Vives (2012), conclui-se que para haver o significado do que está sendo dito, faz-se necessário se ater a modalidade do plano primário, tanto para o ouvinte quanto para o surdo.

Em vista dos fatos apresentados, pode-se concluir que, mediante o posicionamento de Vygotsky, as crianças com surdez são prejudicadas por consequências causadas pela mudez, ao que se refere à falta de linguagem. O que difere do posicionamento de Vives, onde o mesmo refere-se à voz em sua amplitude, não limitando apenas ao registro sonoro, havendo possibilidade de voz até mesmo na mudez.

Vygotsky afirma que a surdez é um obstáculo para o desenvolvimento intelectual da criança surda, não havendo assim, acesso à linguagem. Vives afirma haver diferenças no acesso a linguagem para o surdo e para o falante, mas que ambos têm acesso à mesma.

É através das contribuições de Vives que encontramos, dentro da linguagem, a voz em suas múltiplas possibilidades, abrindo caminhos para todos os sujeitos, tendo eles algum tipo de “deficiência” ou não. É através do seu posicionamento, somado às contribuições de Lacan, que enxergamos no surdo, um indivíduo que exprime um potencial de desenvolvimento para além de limitações, “defeitos” e “deficiências”.

Considerações Finais

Dentro do presente trabalho, sobre o tema proposto, pode-se concluir que as línguas de sinais são línguas naturais como qualquer outra língua. As crianças surdas adquirem a língua de sinais, como as crianças ouvintes, passando por um processo de aquisição da língua, porém de modo diferentes dentro de sua modalidade, e havendo um atraso durante o processo na aquisição das línguas de sinais. Pode-se dizer também, que esse atraso se refere, principalmente, às crianças surdas de pais ouvintes.

Mediante a complexidade do tema, tem-se como sugestão o encorajamento da continuidade do trabalho desenvolvido, para futuras pesquisas, que possam abrir caminhos para outras contribuições.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.

BRASIL. **Língua Brasileira de Sinais**. Brasília, DF: SEESP, 1998. V III. (Série Atualidades Pedagógicas, n. 4).

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos**. 2. ed. Brasília, SF: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. (Série: Saberes e Práticas da Inclusão).

FREUD, S. **Três ensaios sobre a sexualidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, VII).

GALVÃO, O. F.; BARROS, R. S. **Curso de introdução à análise experimental do comportamento**. Belém: CopyMarket.com, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexas Editora, 2002.

GUARINELLO, A. C. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

LEMES, V. P.; SIMONEK, M. C. **Surdez na Infância: diagnóstico e terapia**. Rio de Janeiro: Soluções Gráficas Design Studio, 1996.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

MINAYO, M. C. S. (ORG.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOURA, M. C. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter / FAPESP, 2000.

PEREIRA, G. R. M. A educação para criança com deficiência na concepção de Vigotski. In: EDIPE ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, V. **Comunicação oral...** Goiás, 2013. Disponível em: ><http://www.ceped.ueg.br/anais/vedipefinal/pdf/gt09/co%20grafica/Glaucia%20Resende%20Marra%20Pereira.pdf><. Acesso em: 28 set. 2014.

PEREIRA, M. C. P. Interpretação Interlíngua: as especificidades da interpretação de sinais. **Cadernos de tradução**, v. 1, n. 21, p. 135-156, 2008.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RUGOLO, L. M. S. S. et al. **Fatores de risco para a audição na infância**. Bauru: EDUSC, 2002.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

SILVA, C. B. Cenário armado, objetivos situados: o ensino de geografia na educação de surdos. 2003. 244 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3638/000390803.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 set. 2014.

VIVES, J.-M. Se um discurso pode ser sem fala/palavra, ele pode ser sem voz? In: LEITE, N. V. A. L.; MILÁN-RAMOS, J. G.; MORAES, M. R. S. (Org.). **De um discurso sem palavras**. Campinas: Mercado de Letras, 2012. (Coleção TerramaR). p. 43-49.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2002

_____. **Fundamentos de Defectologia**. Habana: Pueblo Y Educación, 1989a. (Obras completas, tomo 5).